



Bancos Públicos de Desenvolvimento e Filantropia: Não mais estranhos

Agosto de 2023

COEDITORES

Maria Netto

ICS/CEBRI

Sérgio Gusmão Suchodolski

CEBRI

COAUTORES

Frank Schroeder

E3G

Juan Martínez

BID

Diana Smallridge

Momentum Global

Corry van Gaal

Momentum Global

Javier García Moritán

GDFE

Carolina Suarez

Latimpacto

Juan Lozano

Innpactia

Renata Piazzon

Instituto Arapyaú

Barbara Buchner

Climate Policy Initiative

Natália Dias

BNDES

Aviso: As opiniões expressas neste artigo são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Todos os direitos reservados.

CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea

Rio de Janeiro/RJ - CEP: 22451-044

Tel +55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br



Bancos Públicos de Desenvolvimento e Filantropia: Não mais estranhos

Agosto de 2023

SUMÁRIO

5	Resumo
7	1. A necessidade de soluções financeiras públicas e privadas para mobilizar os investimentos necessários para responder à crise climática e ambiental e impulsionar o desenvolvimento sustentável
9	2. O papel dos bancos públicos de desenvolvimento
12	3. O papel das organizações filantrópicas
15	4. O potencial das soluções mistas de bancos públicos de desenvolvimento e organizações filantrópicas
19	5. Envolvimento de bancos públicos de desenvolvimento e organizações filantrópicas — alavancando vantagens comparativas
21	6. A colaboração no contexto global
22	7. Recomendações sobre como os bancos públicos de desenvolvimento e as organizações filantrópicas podem colaborar
26	8. Propostas de chamada à ação
36	9. Observações finais

Resumo

Este artigo explora as potenciais oportunidades de colaboração entre Bancos Públicos de Desenvolvimento (BPDs) e organizações filantrópicas, destacando como uma estrutura de financiamento misto bem projetada pode alinhar ambos os tipos de atores e aumentar os investimentos climáticos em economias emergentes. Ele também define desafios na criação de sinergias efetivas entre esses dois tipos de atores de financiamento do desenvolvimento.

As lacunas de financiamento para atender às necessidades de desenvolvimento são enormes, e direcionar capital para as necessidades de desenvolvimento mais urgentes é fundamental. Considerando somente os desafios climáticos, hoje em dia apenas uma pequena parcela do financiamento climático global vai para países em desenvolvimento. Atualmente, o setor privado financia apenas 14% dos investimentos verdes na África; em países não pertencentes à OCDE, a média é de cerca de 35%.

Governos ao redor do mundo já reconheceram que a escala e a diversidade do investimento privado necessário exigem novas abordagens para mobilizar todas as formas de financiamento — público, privado e filantrópico — de maneiras complementares. Portanto, os BPDs desempenham um papel crucial na liberação de financiamento climático privado adicional e na assistência aos governos de países em desenvolvimento para ajudar os sistemas financeiros nacionais a se alinharem às metas do Acordo de Paris. Após a Agenda de Ação Adis Abeba de 2015, assim como os doadores bilaterais tradicionais, grandes organizações filantrópicas se tornaram cada vez mais conscientes da necessidade de usar seu financiamento para catalisar novas fontes financeiras para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), bem como para enfrentar as mudanças climáticas.

O presente artigo defende que os BPDs e as organizações filantrópicas trabalhem lado a lado para mobilizar o financiamento e usem ferramentas técnicas para responder ao apelo por mais colaboração em mercados emergentes e em desenvolvimento. Os BPDs e as organizações filantrópicas têm objetivos de investimento semelhantes — focar no avanço de iniciativas de desenvolvimento que sejam responsivas às prioridades econômicas e sociais de um país, de maneira justa e inclusiva. Embora essas diferentes fontes de financiamento tenham operado em grande parte de forma independente, este artigo argumenta que as necessidades de investimento de hoje oferecem potencial para uma cooperação mais estratégica e eficaz, e uma “combinação” de soluções do setor filantrópico e dos BPDs. Em particular, as soluções de financiamento misto que tiram proveito de organizações filantrópicas e BPDs para aumentar os investimentos climáticos em economias emergentes são uma oportunidade essencial. Recursos filantrópicos, combinados com financiamento proveniente de fontes públicas e privadas, podem contribuir para maximizar os recursos disponíveis e minimizar custos e riscos por meio do desenvolvimento de veículos de investimento (via equity, empréstimos concessionais e garantias) e estruturas financeiras que maximizem o poder de alavancagem do setor público e otimizem o uso de fundos filantrópicos.

Cinco estudos de caso neste artigo, usando exemplos da região da América Latina e Caribe (ALC), mostram oportunidades existentes e novas para BPDs e organizações filantrópicas se envolverem em parcerias estratégicas a fim de aumentar a oferta de financiamento verde e atrair investimentos privados.

Além de soluções de financiamento misto, os BPDs e as organizações filantrópicas podem se envolver em várias outras colaborações. Isso permite também impulsionar mudanças no setor filantrópico, levando um número maior de atores filantrópicos a mobilizar capital catalisador para novos financiamentos de desenvolvimento e usar seu financiamento para abordar os ODS em uma escala maior.

Este artigo faz recomendações para ambos, BPDs e organizações filantrópicas, que podem sustentar a colaboração. Ele também fornece um conjunto de recomendações sobre como os BPDs e as organizações filantrópicas podem se tornar mais "prontos para o envolvimento", fazendo uso de soluções de financiamento misto.

1

A necessidade de soluções financeiras públicas e privadas para mobilizar os investimentos necessários para responder à crise climática e ambiental e impulsionar o desenvolvimento sustentável

Mobilizar capital para ação climática é uma das alavancas mais importantes para promover o desenvolvimento sustentável, evitando o aquecimento catastrófico e protegendo ecossistemas essenciais. Grande parte desse capital é necessária para investimentos em infraestrutura de baixo carbono e resiliente ao clima, agricultura sustentável e soluções baseadas na natureza em países em desenvolvimento.

O Resumo do Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), lançado em março de 2023¹ chama a atenção para a alta probabilidade de as temperaturas globais subirem mais de 1,5 °C antes de 2030, aumentando a urgência de ampliar os esforços globais para atingir a meta do Acordo de Paris da Convenção sobre Mudança do Clima. Os impactos das mudanças climáticas — que incluem elevação do nível do mar, derretimento das calotas polares e geleiras, eventos climáticos severos, secas, inundações, aquecimento, mudanças sutis nos ecossistemas — afetarão todos os aspectos da sociedade e da vida econômica. Os custos da inação ou da ação tardia vão superar em muito os custos da ação preventiva. Há apenas uma pequena janela de oportunidade para corrigir a situação.

Considerando a vida econômica da infraestrutura e da tecnologia, os investimentos realizados hoje terão um grande impacto nas oportunidades de alcançar níveis mais baixos de estabilização e têm o potencial de reduzir os principais impactos das mudanças climáticas nos próximos 15 a 20 anos.

¹ Relatório Síntese do Sexto Ciclo de Avaliação (AR6): Mudança do Clima 2023 – IPCC

A incapacidade de mitigar hoje por meio de modificações nas vias de desenvolvimento vai travar o mundo em cenários culminantes de emissões, implicando impactos mais adversos da mudança do clima que, por sua vez, levarão a custos de adaptação mais elevados.

Por trás dessa necessidade urgente de modificar as vias de desenvolvimento e das emissões está o papel da tecnologia e a necessidade de mudar e aumentar o financiamento e os investimentos. Estima-se que o custo de transformar as economias para que se tornem neutras em carbono até 2030 seja de pelo menos USD 4,3 bilhões por ano,² dos quais pelo menos USD 1 trilhão deveriam ser empregados em economias emergentes (excluindo a China). Ao mesmo tempo, os países emergentes têm recebido menos de 27% do investimento e dos fluxos financeiros necessários para enfrentar a mudança climática.³ De acordo com a Convergence (2021), o uso de financiamento misto como ferramenta por investidores continuou limitado, apesar de seu potencial. De 2015 a 2020, aproximadamente USD 39,1 bilhões provenientes de financiamento misto foram direcionados para oportunidades focadas no clima.

O atual cenário de polícrise, com recessão global e crises energéticas, de produção e alimentares causadas pela disrupção nas cadeias de valor internacionais, bem como o conflito na Ucrânia, resultaram em enorme pressão fiscal. Não por coincidência, a necessidade de repensar o sistema global de financiamento do desenvolvimento para mobilizar recursos a fim de acabar com a pobreza extrema e mitigar os efeitos das mudanças climáticas tem sido central em todos os fóruns globais recentes, incluindo o G20, a Conferência das Partes sobre Mudança Global do Clima (COP27), a Conferência sobre Biodiversidade (COP15) e o Fórum Econômico Mundial. Chefes de Estado na recente Cúpula de Paris para um novo pacto financeiro global⁴ apelaram, portanto, à necessidade de trabalhar em conjunto por “um mundo onde a pobreza seja eliminada e o planeta, preservado; um mundo onde os países vulneráveis estão mais bem equipados para lidar com crises resultantes de mudanças climáticas e conflitos” e salientaram, neste contexto, a importância de tirar proveito de todas as fontes de financiamento, incluindo ajuda oficial ao desenvolvimento, recursos nacionais e investimento privado.⁵ Líderes, ministros, chefes de instituições e bancos de desenvolvimento expressaram novos níveis de ambição para mudar a forma como nosso sistema financeiro fornece capacidade para desenvolver e enfrentar as mudanças climáticas.⁶

É, portanto, urgente repensar como devemos combinar soluções financeiras públicas e privadas para alavancar os investimentos necessários para responder à crise climática e ambiental e impulsionar o desenvolvimento sustentável.

2 <https://www.climatepolicyinitiative.org/publication/global-landscape-of-climate-finance-a-decade-of-data/>

3 A transição para uma economia verde custará ao mundo outros USD 3,5 trilhões por ano | Fórum Econômico Mundial (weforum.org); <https://www.rockefellerfoundation.org/wp-content/uploads/2022/11/Climate-Finance-Funding-Flows-and-Opportunities-What-Gets-Measured-Gets-Fined-Report-Final.pdf>; <https://www.mckinsey.com/capabilities/sustainability/our-insights/the-net-zero-transition-what-it-would-cost-what-it-could-bring>; “Just in time” | Standard Chartered (sc.com).

4 <https://nouveau-pacte-financier.org/en.php>

5 <https://www.elysee.fr/en/emmanuel-macron/2023/06/23/the-paris-agenda-for-people-and-the-planet>

6 <https://www.e3g.org/news/paris-summit-roadmap-raises-expectations-for-finance-system-transformation/>

2

O papel dos bancos públicos de desenvolvimento

A Finance In Common oferece uma oportunidade de reconhecer como os BPDs já desempenham um papel fundamental no fornecimento do impulso crítico para apoiar economias vulneráveis, bem como na catalisação e ampliação dos fluxos de capital privado, tanto para transformar economias emergentes e em desenvolvimento visando um mundo com emissão líquida zero e natureza positiva, quanto para reduzir as desigualdades de forma mais eficiente.

No entanto, ainda há muito a ser feito na criação de formas variadas de novo financiamento para desenvolvimento, e novas parcerias são necessárias para superar desafios específicos.

Dado seu mandato exclusivo, os BPDs podem continuar desempenhando um papel estratégico no apoio à coordenação dos diversos atores do setor financeiro (incluindo as organizações filantrópicas), bem como na combinação de seus recursos concessionais e na estruturação de soluções e instrumentos financeiros inovadores, atuando como agentes importantes para aumentar os investimentos verdes.⁷

O Banco de Desenvolvimento da África Austral, por exemplo, posiciona-se como uma instituição de responsabilidade política, integrando preocupações climáticas e de desenvolvimento na forma como financia e apoia os beneficiários. Eles oferecem suporte ao desenvolvimento de projetos e fluxos de investimento direto, além de programas piloto com outras formas de capital (como filantropia e fontes internacionais de financiamento ou setor privado) que se concentram em desenvolvimento personalizado ou desafios climáticos.

⁷Özlem Taskin, Valentina Bellesi, Carolyn Neunuebel e Lasse Moller, Network on Environment and Development Co-operation do DAC, "The role of domestic DFIs in using blended finance for sustainable development and climate action", OCDE, 2020.

Em apoio semelhante na América Latina, bancos multilaterais e BPDs forneceram financiamento de longo prazo em momentos de crise na região. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) e outros BPDs responderam à pandemia de COVID-19 e a crises anteriores fornecendo recursos e consultoria para mitigar os efeitos imediatos dos choques negativos, diminuir a queda e fortalecer a recuperação.⁸

Um problema crítico do financiamento climático global hoje é que apenas uma pequena parcela dele vai para países em desenvolvimento. Atualmente, o setor privado financia aproximadamente 78% dos investimentos climáticos em países de alta renda, porém menos de 40% em economias emergentes, chegando a até apenas 14% em algumas regiões.⁹ Portanto, o papel dos BPDs em desbloquear o financiamento climático privado e colaborar com os governos dos países em desenvolvimento para ajudar os sistemas financeiros nacionais a se alinharem às metas do Acordo de Paris é de suma importância. Os BPDs podem fornecer aos investidores do setor privado acesso a inteligência de mercado no nível nacional, incluindo insights práticos sobre o cenário local de investimentos e conexões com investidores.

Na América Latina e Caribe (ALC), por exemplo, os bancos de desenvolvimento são “essenciais para preencher uma lacuna anual de USD 260 bilhões em infraestrutura e USD 110 bilhões em financiamento para mudanças climáticas”. No entanto, estima-se que eles forneçam “apenas USD 8,7 bilhões por ano em termos de financiamento verde em geral, e o financiamento climático em particular é de apenas USD 5,9 bilhões por ano”. Isso mostra o potencial de aumento dos fluxos financeiros verdes por parte dos bancos de desenvolvimento para ajudar a acelerar o desenvolvimento sustentável e atingir os ODS, especialmente quando se trata de financiar resultados de energia e infraestrutura sustentáveis.¹⁰

Além de projetos na área de energia renovável e transporte de baixo carbono, um volume maior de financiamento pode ser disponibilizado também para setores por vezes negligenciados, como os de gestão de água e resíduos, agricultura sustentável, reabilitação costeira e infraestrutura sustentável. Na Cúpula de Paris foi reconhecido¹¹ que a escala e a diversidade do investimento privado necessário exigem novas abordagens para garantir a mobilização de todas as formas de financiamento — público, privado e filantrópico — de maneiras complementares. Foi consenso na Cúpula de Paris que tecnologias de baixo carbono novas e de rápido crescimento exigem esforços direcionados e de longo prazo, além de apoio mais rápido por parte dos BPDs, para ajudar governos em países emergentes e em desenvolvimento a entender as últimas tendências e alavancas políticas disponíveis para lidar com as incertezas do mercado.

Há também desenvolvimentos positivos a serem mencionados. Muitos bancos de desenvolvimento já se comprometeram a aumentar o financiamento para o desenvolvimento sustentável e o desenvolvimento de baixo carbono. Por exemplo, o “Banco Mundial prometeu aumentar o financiamento climático para USD 29 bilhões (um aumento de um terço) até 2025, e o Banco Interamericano de Desenvolvimento prometeu fazer o financiamento climático representar 25% a 30% do total de empréstimos nesse mesmo período”.¹²

8P. Fleiss, “Multilateral development banks in Latin America: recent trends, the response to the pandemic, and the forthcoming role”, série Estudos e Perspectivas, n.º 21, Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) da ONU, 2021 em https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46916/S2100262_en.pdf?sequence=1&isAllowed=y

9 Martin Wolf: A transição verde não acontecerá sem financiamento para países em desenvolvimento, Financial Times, 20 de junho de 2023; CPI, “Landscape of Climate Finance in Africa”, 2022. <https://www.climatepolicyinitiative.org/publication/landscape-of-climate-finance-in-africa>

10 https://www.bu.edu/pardeeschool/files/2014/12/Greening.Development.Final_.pdf.

11Veja a declaração da FIC/GFANZ: <https://financeincommon.org/sites/default/files/2023-06/Declaration%20GT3.pdf>

12 https://www.bu.edu/pardeeschool/files/2014/12/Greening.Development.Final_.pdf

No entanto, é necessário muito mais trabalho para responder aos principais obstáculos e barreiras que limitam os investimentos financiados privadamente em projetos de adaptação e mitigação climática nos mercados emergentes e em desenvolvimento.

O papel dos BPDs precisa ser ampliado para incluir fornecimento de apoio, como empréstimos de longo prazo, particularmente em moeda local, mitigação do risco oferecendo diferentes parcelas e hedge cambial, a fim de torná-los mais atraentes para investidores institucionais. Quando os BPDs assumem mais riscos, fornecendo capital e, ao mesmo tempo, protegendo o valor de seus acionistas, o montante certo de capital é liberado.

Outra importante barreira é transpor uma lacuna de percepção entre investimentos feitos de acordo com critérios de sustentabilidade, como a estrutura ambiental, social e de governança (ESG), e o volume adicional de investimento que esses desafios exigem. Investimentos de impacto e avaliações de ESG estão começando a ser conceitos que as pessoas veem como uma forma de pedir baixa lucratividade.

No entanto, um PDB, em suas atividades, pode reforçar a percepção desses investimentos como sendo competitivos por meio de colaboração com a filantropia. Em novos financiamentos de desenvolvimento e envolvimento com o setor privado, lidar com crises vai envolver a mobilização do capital necessário para resolver desafios da ação climática ou de mudanças sociais aumentando a percepção de que esta é uma atividade verdadeiramente lucrativa para investidores do setor privado. Um papel fundamental dos BPDs pode ser apoiar o caminho para a lucratividade desses tipos de veículos e investimentos com a construção de legitimidade e confiança equilibrando a geração de impacto com a lucratividade.

Com sua forte presença dentro do país, suas conexões com governos e seu acesso a desenvolvimentos globais em tecnologias climáticas emergentes, os BPDs podem desempenhar um papel fundamental no avanço do diálogo político nessa área em nível nacional. Neste contexto, tal como mencionado na declaração da FICS para um novo pacto entre investidores públicos e privados,¹³ BPDs, investidores privados e organizações filantrópicas precisam trabalhar em conjunto para mobilizar financiamento e aplicar ferramentas técnicas para responder ao apelo por mais colaboração em mercados emergentes e em desenvolvimento.¹⁴

¹³ <https://financeincommon.org/sites/default/files/2023-06/Declaration%20GT3.pdf>

¹⁴ <https://financeincommon.org/sites/default/files/2023-06/Declaration%20GT3.pdf>

3

O papel das organizações filantrópicas

Embora grande parte do capital para lidar com as mudanças climáticas hoje venha de governos, fundos climáticos globais, BPDs e investidores privados, não há dúvida de que a filantropia pode desempenhar um papel vital na resposta mundial às mudanças climáticas focando em regiões geográficas, setores e soluções de patrocínio conjunto, usando uma variedade de seus ativos, como financiamento, redes, influência, conhecimento especializado e apetite ao risco, para apoiar, testar e dimensionar soluções. Isso inclui tanto organizações filantrópicas maiores sediadas em países de renda alta e média-alta, quanto organizações filantrópicas menores e locais encontradas em países de renda baixa e média-baixa.

O termo filantropia ou organizações filantrópicas é usado neste artigo para capturar uma ampla gama de atividades, práticas e organizações filantrópicas. Em conjunto com doadores individuais nesses países, elas também compartilham uma capacidade distinta de implantar capital ágil, tolerante a riscos e paciente, de maneiras que podem apoiar intervenções de alto valor diretamente e atrair mais financiamento de outras fontes.

O que é filantropia?

Filantropia se refere à prática de doar tempo, dinheiro, experiência, habilidades e/ou talento, tudo com o objetivo altruísta de melhorar o bem-estar humano. Isso inclui doações individuais, por parte de doadores comuns e indivíduos com alto patrimônio líquido, e doações institucionais, por meio de empresas, fundações e outras instituições especializadas.

De "Understanding the Meaning of Terms - Definitions and Taxonomy", WINGS, setembro de 2021

De acordo com um relatório da OCDE de 2021 que faz um balanço da contribuição da filantropia para o desenvolvimento,¹⁵ o número de organizações filantrópicas operando em mercados emergentes aumentou de 143 em 2015 para 205 em 2019, e elas contribuíram com USD 42,5 bilhões para resultados de desenvolvimento entre 2016–2019. Além disso, organizações filantrópicas locais fazem contribuições consideráveis para iniciativas de desenvolvimento locais, especialmente em países de renda média, como a Colômbia.

Não apenas os investimentos filantrópicos estão crescendo, como também cada vez mais organizações filantrópicas estão indo além dos investimentos tradicionais de desenvolvimento em saúde, educação, abrigo e saneamento básico. As organizações filantrópicas hoje desempenham um papel mais forte no apoio ao desenvolvimento de setores privados e financeiros mais vibrantes em países de baixa e média renda. Além disso, elas estão usando abordagens do setor privado para ampliar inovações em saúde, agricultura e mudanças climáticas.

Em virtude de suas origens, a maioria das fundações privadas entende o papel importante que o desenvolvimento do setor privado desempenha na criação de negócios, empregos e meios de subsistência sustentáveis. Muitas vezes, as organizações filantrópicas têm raízes no setor privado: executivos experientes assumem posições em conselhos de organizações não governamentais; líderes empresariais estabelecem braços filantrópicos para investir em atividades de caridade e indivíduos com alto patrimônio líquido fazem investimentos anjo em negócios de impacto social em países de baixa e média renda.¹⁶

Após a Agenda de Ação Adis Abeba de 2015, assim como os doadores bilaterais tradicionais, grandes organizações filantrópicas se tornaram cada vez mais conscientes da necessidade de usar seu financiamento para catalisar novas fontes financeiras para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Financiamento climático, inovações em saúde e inclusão financeira tornaram-se temas de foco para que as iniciativas filantrópicas possam mobilizar recursos do setor privado.¹⁷

O envolvimento e o posicionamento das organizações filantrópicas para enfrentar as mudanças climáticas têm aumentado significativamente nos últimos anos.¹⁸ Em 2019, organizações filantrópicas arrecadaram US\$ 1,5 bilhão para financiamento climático.¹⁹ Em novembro de 2021, na COP 26, um investimento total de US\$ 10 bilhões foi anunciado por uma parceria formada entre organizações filantrópicas, investidores, inovadores, empresas de energia e governos. O setor filantrópico assumiu a liderança e mobilizou capital público e privado, evitando assim a emissão de quatro (4) bilhões de toneladas de CO₂ ao longo da próxima década. A iniciativa busca resolver o problema da falta de acesso abundante e confiável a energia elétrica por parte de 3,6 bilhões de pessoas, o que compromete a capacidade destas de se comunicar, estudar, irrigar plantações, refrigerar alimentos e fazer as fábricas funcionarem. Ela busca catalisar uma transição energética justa mobilizando capital público e privado para fazer com que energia limpa chegue a um (1) bilhão de pessoas distribuídas em vários continentes.²⁰

Esses são desenvolvimentos positivos, e investimentos filantrópicos significativos têm sido feitos. No entanto, há espaço para que mais organizações filantrópicas se juntem a tais iniciativas coletivas existentes ou novas. A cooperação entre organizações filantrópicas e BPDs pode, dessa forma,

15 https://www.oecd-ilibrary.org/development/private-philanthropy-for-development-second-edition_4f3e7f68-en

16 <https://www.rockefellerfoundation.org/news/global-philanthropies-create-new-multilateral-development-banks-challenge-fund-to-increase-investment-in-developing-countries/>; <https://www.i-financialconsulting.com/projects/development-finance-landscape-report/>; <https://worldwaterweek.org/event/10641-siwi-seminar-water-related-investments-and-economic-development-23>

17 <https://www.rockefellerfoundation.org/wp-content/uploads/2023/02/Tapping-the-Potential-of-Borrower-Led-Multilateral-Development-Banks-Report-Final.pdf>

18 McKinsey (2021): "It's time for philanthropy to step up the fight against climate change"

19 <https://www.rockefellerfoundation.org/wp-content/uploads/2023/02/Tapping-the-Potential-of-Borrower-Led-Multilateral-Development-Banks-Report-Final.pdf>

20 The Rockefeller Foundation. "Global Energy Alliance for People and Planet (GEAPP)"

ajudar a movimentar um número maior de atores filantrópicos para que mobilizem capital catalisador direcionado a novos financiamentos de desenvolvimento e usem seu financiamento para abordar os ODS em uma escala maior — impulsionando mudanças também no setor filantrópico.

Além de grandes contribuições financeiras filantrópicas para projetos climáticos, também há mudanças no setor filantrópico. O movimento #PhilanthropyForClimate reúne mais de 650 fundações com foco em aumentar o engajamento filantrópico voltado para as mudanças climáticas, incluindo mudanças na implementação de seus próprios programas e operações, no uso de doações e ativos, bem como em advocacy.²¹

Embora a filantropia não possa substituir governos ou empresas no fornecimento da grande quantidade de recursos necessários para enfrentar a crise climática, ela pode desempenhar um papel significativo como catalisadora de mudanças em políticas e na melhoria da alocação geral de recursos. Um exemplo recente foi o Methane Pledge (20 organizações filantrópicas, USD 223 milhões coletivamente) que antecedeu a COP26. A aliança apoiou também o esforço diplomático do Compromisso Global sobre Metano liderado pelos Estados Unidos e pela União Europeia. Ela ajudou a criar impulso para os países adotarem uma declaração política de peso a fim de reduzir as emissões relacionadas ao metano.

À medida que a filantropia privada se tornou parte integrante do cenário de financiamento do desenvolvimento, o trabalho colaborativo em parceria com todos os financiadores multilaterais e bilaterais e instituições internacionais cresceu. O Conselho Europeu apelou recentemente²² aos bancos multilaterais de desenvolvimento — bem como aos nacionais e regionais — para que “tomem medidas responsáveis para fazer muito mais com os recursos existentes e aumentar a capacidade de financiamento e a mobilização de capital privado” e “trabalhem em conjunto como um ecossistema, em estreita colaboração com outras agências públicas e fundos verticais simplificados e, quando apropriado, com filantropos, fundos soberanos, finanças privadas e a sociedade civil, para gerar o maior impacto”.

Na Cúpula sobre Novo Pacto Financeiro Global²³ realizada em junho de 2023, líderes mundiais apresentaram uma visão²⁴ para que os bancos multilaterais de desenvolvimento trabalhem de forma mais integrada “como um sistema, também em cooperação com bancos de desenvolvimento regionais e nacionais, bem como com agências da ONU e organizações filantrópicas, formando o coração de uma arquitetura financeira global mais ampla, baseada em vantagens comparativas e apoiada pela sociedade civil”.

²¹ <https://philanthropyforclimate.org/about-us/>

²² Conselho Europeu, “Uma transição ecológica que não deixe ninguém para trás: dirigentes mundiais divulgam carta aberta”, 23 de junho de 2023, em <https://www.consilium.europa.eu/en/european-council/president/news/2023/06/23/20230622-op-ed-on-green-transition/>

²³ Cúpula sobre Novo Pacto Financeiro Global, 22-23 de junho de 2023, em <https://www.elysee.fr/en/emmanuel-macron/summit-on-a-new-global-financing-pact>

²⁴ Presidência da França: Declaração para uma visão comum dos Bancos Multilaterais de Desenvolvimento, 23 de junho de 2023, em <https://www.elysee.fr/en/emmanuel-macron/2023/06/23/multilateral-development-banks-vision-statement>

4

O potencial das soluções mistas de bancos públicos de desenvolvimento e organizações filantrópicas

Os BPDs e as organizações filantrópicas têm objetivos de investimento semelhantes: focar no avanço de iniciativas de desenvolvimento que sejam responsivas às prioridades econômicas e sociais de um país, de maneira justa e inclusiva. Eles normalmente fazem isso usando uma lente de capital paciente, que também é ágil e reflexivo. Embora essas diferentes fontes de financiamento tenham operado em grande parte de forma independente, as necessidades de investimento de hoje aumentam o potencial para uma cooperação mais estratégica e eficaz, e uma “combinação” de soluções do setor filantrópico e dos BPDs.

Desenvolver soluções de financiamento misto de organizações filantrópicas e BPDs para aumentar os investimentos climáticos nas economias emergentes é, portanto, uma oportunidade essencial a explorar.²⁵

As definições de financiamento misto geralmente são traduzidas como financiamento combinado, ou híbrido, que faz uso de diferentes tipos de capital, como privado, público e filantrópico.

²⁵ <https://www.lse.ac.uk/granthaminstitute/wp-content/uploads/2021/11/Blended-Finance-for-Scaling-Up-Climate-and-Nature-Investments-1.pdf>

Definições de financiamento misto

“O uso de fundos de desenvolvimento a fim de mobilizar financiamento privado adicional para investimento nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.”

– Blended Finance Taskforce²⁶

“Financiamento misto é o uso estratégico de fundos de desenvolvimento visando a mobilização de fluxos de capital adicionais para o desenvolvimento sustentável em países em desenvolvimento.”

– OCDE.²⁷

Mais recursos

O BID Invest publicou um artigo ([Beyond Leverage Ratios - A strategic approach to Blended Finance](#)) sobre como e com que objetivo o financiamento misto mobiliza investimentos privados voltados para os ODS, incluindo casos em que as abordagens de financiamento misto são justificadas e eficazes, bem como estratégias de investimento de financiamento misto.

Convergence é a rede global de financiamento misto que inclui investidores públicos, privados e filantrópicos, bem como patrocinadores de transações e fundos.

De acordo com a Convergence, o financiamento misto mobilizou cerca de USD 198 bilhões em capital voltados para o desenvolvimento sustentável em países em desenvolvimento até a presente data.²⁸ De acordo com seu banco de dados, dos 1.800 investidores únicos que participaram de uma ou mais transações de financiamento misto, cerca de 16% vieram do setor filantrópico. Seus dados revelam que entre os investidores filantrópicos mais ativos em financiamento misto estão a Shell Foundation, a Bill & Melinda Gates Foundation, a Omidyar Network e a Oikocredit.²⁹

O financiamento misto, no entanto, não se limita a uma simples arquitetura financeira ou estrutura de financiamento, mas tem um enorme potencial para reunir atores que ainda operam de forma mais isolada. Ele busca desenvolver uma visão estratégica integrada que combine não apenas recursos financeiros, mas também os principais ativos que cada um desses atores pode oferecer, como, entre outros, poder de convocação, posicionamento de mercado, capacidade, redes e conhecimento.

A mitigação e adaptação climática em países em desenvolvimento e emergentes oferece uma forte oportunidade de investimento. A ação climática pode ser um importante impulsionador do crescimento econômico e gerar novas atividades econômicas. Novos setores econômicos verdes podem criar oportunidades de desenvolvimento econômico capazes de gerar novos empregos, melhor acesso e qualidade de alimentos, ar mais limpo e maior acesso a energia, entre outros benefícios. O principal desafio é que o capital privado atualmente não está fluindo rápido o suficiente, nem na escala necessária, e o financiamento misto pode encarar esse desafio.

Ao considerar projetos de financiamento misto ou iniciativas inovadoras para promover um financiamento sustentável, é crucial evitar a abordagem usual de investimentos isolados. Uma vez

²⁶ Blended Finance Taskforce, 2023.

²⁷ OCDE, “Making Blended Finance work for the Sustainable Development Goals”. OCDE, Paris: Janeiro de 2018

²⁸ <https://www.convergence.finance/blended-finance>

²⁹ <https://www.convergence.finance/blended-finance>

identificada uma oportunidade de investimento — como restauração de terras, redução do desmatamento, desenvolvimento de capacidade adaptativa, melhoria da resiliência da infraestrutura, ampliação de uma solução de tecnologia limpa, redução de desigualdades, tratamento de infraestrutura precária para produtos de bioeconomia, entre outras — é possível desenvolver soluções financeiras personalizadas, assumindo os riscos específicos e as lacunas técnicas associadas à implementação de soluções inovadoras e disruptivas. Uma estratégia financeira adequada que combine soluções e capacidades financeiras dedicadas, de entidades dispostas a assumir riscos maiores e com mandatos de desenvolvimento, como organizações filantrópicas e BPDs, com incentivos para o desenvolvimento de um pipeline de projetos financiáveis pode resultar em investimentos em projetos que funcionam como prova de conceito, testando hipóteses assumidas em estudos e consultas com especialistas, podendo envolver tanto a academia quanto parceiros locais.

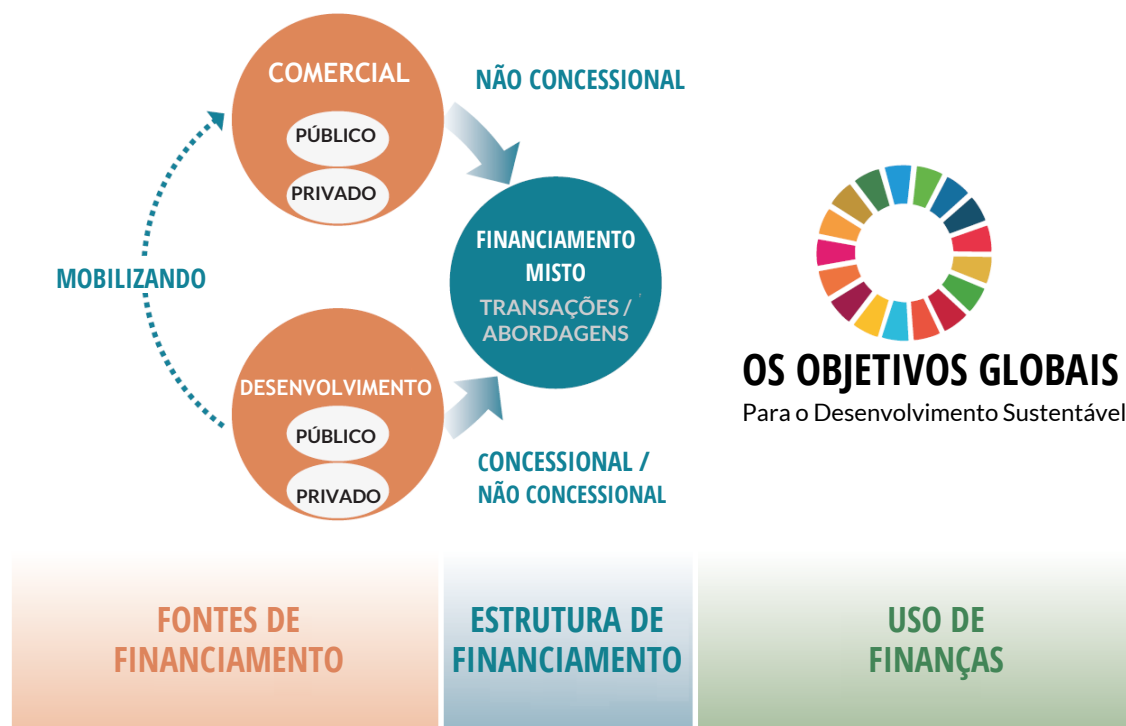
O setor privado, por sua vez, tem maior capacidade de ampliar soluções com impacto socioambiental positivo e retorno financeiro comprovado. Soluções empresariais inovadoras podem melhorar as condições de subsistência em áreas rurais, promover um estilo de vida mais sustentável, desenvolver tecnologia de ponta para mitigação climática, como captura e sequestro de carbono, projetar programas de emissão zero de GEE para cidades — estes são apenas alguns dos muitos exemplos. As empresas privadas podem mudar as regras atuais do jogo trabalhando de forma colaborativa para melhorar os modelos de negócios e incorporando aos processos de tomada de decisão o verdadeiro valor associado ao capital natural e social.

Os bancos privados podem não estar dispostos a assumir riscos em determinados projetos e podem melhorar a estrutura de financiamento de transações de maior risco para promover o crédito de forma mais inovadora, com linhas de financiamento diferenciadas. Os investidores privados precisam priorizar investimentos com impacto socioambiental positivo. Os “family offices” podem redirecionar seus portfólios de investimentos. Empresas privadas com capacidade de ampliar soluções podem investir em sua construção desde o início do processo. Os BPDs podem operar com maior apetite ao risco e fornecer financiamento de longo prazo, apesar das limitações sobre quanto risco pode ser assumido (porque isso está regulamentado), considerando o potencial de promover inovação financeira. Aproveitando esses pontos fortes, há uma maior oportunidade de trabalhar em colaboração por meio de soluções de financiamento misto.

É claro o quanto de progresso poderia ser alcançado se a cooperação entre diferentes atores financeiros fosse mais estreita e coordenada. Por exemplo, fundos públicos de desenvolvimento ou capital filantrópico podem ser redirecionados, levando em consideração uma abordagem baseada nas necessidades, a relação entre risco e retorno — do ponto de vista de cada um dos atores envolvidos — e usando capital paciente, ou concessional, para atrair capital comercial.

O financiamento misto pode ser muito útil também como solução financeira, subsidiando recursos quando se opera com taxas abaixo do mercado, ou com recursos não reembolsáveis, como por meio de doações para o desenvolvimento e estruturação de projetos, reduzindo o risco da transação e a taxa de juros, ou fornecendo garantias e seguros para as primeiras etapas de implementação. Isso pode ajudar a promover agendas nacionais importantes e abordar questões, como o plantio de cacau de qualidade por agricultores familiares e empresas com impacto socioambiental na Amazônia, entre outras. Embora possa ser composto por diferentes elementos, em geral o conceito de financiamento misto tem como pilares: a) alavancagem de capital, b) impacto socioambiental positivo e c) equilíbrio de riscos e retorno financeiro. Com base nesses pilares, as operações devem ser projetadas considerando as perspectivas das fontes dos fundos e das partes envolvidas, das estruturas financeiras e do uso de recursos.³⁰

³⁰Laboratório de Inovação Financeira, “Financiamento para o alcance dos ODS: Agenda do Blended Finance no Brasil”. Rio de Janeiro, maio de 2022.



Fonte: OCDE

Em particular, as mais recentes discussões globais destacaram a necessidade de os sistemas financeiros, especialmente os BPDs, desenvolverem e oferecerem mecanismos de redução de risco para atrair financiamento e investimento por parte do setor privado.³¹ O desenvolvimento de estratégias mistas para redução de risco visando atrair efetivamente o capital privado é uma área particularmente importante onde os BPDs e as organizações filantrópicas podem unir forças.

A redução de risco pode assumir muitas formas, como a criação de um conjunto de fundos que podem fornecer e dimensionar garantias, bem como instituições que operam com instrumentos de primeira perda, oferecendo assistência técnica e serviços de consultoria, limitando a exposição a perdas, melhorando a credibilidade e eliminando lacunas de financiamento. Recursos filantrópicos, combinados a essas fontes públicas e privadas de fundos, podem contribuir para maximizar os recursos disponíveis e minimizar custos e riscos por meio do desenvolvimento de veículos de investimento (via equity, empréstimos concessionais e garantias) e estruturas financeiras que maximizem o poder de alavancagem do setor privado e otimizem o uso de fundos filantrópicos. Isso reduz o risco de projetos de alto impacto que, de outra forma, não seriam vistos como passíveis de investimento. As atuais atividades de financiamento realizadas por organizações filantrópicas mostram seu potencial mais amplo de adoção de soluções de financiamento misto. Segundo a OCDE, 89% das organizações filantrópicas fazem contribuições por meio de doações; 49% implementam seus próprios projetos; 40% igualam seus recursos, quando é aportado um valor equivalente ao de um parceiro financiador; 28% trabalham com capital próprio; 26%, com empréstimos e 15%, com garantias.

³¹ <https://www.elysee.fr/en/emmanuel-macron/2023/06/23/the-paris-agenda-for-people-and-the-planet>

5

Envolvimento de bancos públicos de desenvolvimento e organizações filantrópicas — alavancando vantagens comparativas

Chegou a hora de aprofundar o envolvimento entre organizações filantrópicas e BPDs. Os tipos de desafios globais que temos pela frente exigem novas abordagens e o desenvolvimento de parcerias que sejam novas em termos da qualidade e do desenho técnico dos programas. Elas devem ter como premissa parceiros que se unem em pé de igualdade e se basear no princípio da cocriação de ferramentas — financeiras e outras — que tirem proveito de recursos públicos e privados e do potencial das parcerias público-privadas-filantrópicas.

Embora os BPDs e as organizações filantrópicas possam compartilhar objetivos comuns, convém observar que ambos os tipos de atores estão enraizados em diferentes contextos institucionais, o que pode afetar a cooperação entre eles e representar barreiras. Por exemplo:

- **Diferenças na capacidade de agir:** Organizações filantrópicas e BPDs podem operar com cronogramas diferentes, o que pode aumentar a necessidade de coordenação em torno de esforços e iniciativas comuns.
- **Burocracia e encargos de relatórios:** Os bancos de desenvolvimento, no cumprimento de diferentes obrigações de prestação de contas e transparência em virtude do uso de dinheiro dos contribuintes, podem ter processos mais burocráticos e maiores exigências de relatórios (internos e externos). Isso pode aumentar a carga administrativa e os custos para as organizações filantrópicas quando participam de colaborações.

- **Equilíbrio entre perspectivas de curto e longo prazo:** Há uma necessidade maior de equilíbrio entre a obtenção de resultados de curto prazo e o foco em visões de longo prazo. Enfrentar os atuais desafios globais exige ambos. Determinar como direcionar atividades para alcançar e medir mudanças sistêmicas, em particular, é essencial, mas estas também são difíceis de alcançar e capturar. Isso exigirá esforços adicionais para encontrar um consenso sobre quais atividades são importantes e quando.
- **Diferenças nas metodologias de avaliação de impacto:** Organizações filantrópicas e BPDs podem ter abordagens diferentes para avaliar o impacto de seus projetos, o que pode levar a discrepâncias em suas visões e processos de tomada de decisão, definições de sucesso e, principalmente, alocação de recursos.

As colaborações serão mais robustas se levarem em conta essas potenciais barreiras, mas também se tirarem proveito das vantagens comparativas específicas das organizações filantrópicas para ajudar os BPDs a executar melhor seus mandatos, particularmente em apoio à necessidade urgente de uma transição energética justa e global, incluindo:

- **Habilidades e expertise técnicas:** As organizações filantrópicas podem ter acesso a especialistas técnicos que podem ajudar a aumentar a viabilidade e a solidez técnica dos investimentos subjacentes.
- **Acesso a novas redes:** As organizações filantrópicas muitas vezes podem introduzir novas redes e parcerias que não só trazem habilidades financeiras, mas também habilidades técnicas e empreendedoras necessárias para construir a confiança dos investidores. Como exemplo, temos a RENEW Ethiopia, investimentos anjo na criação de empresas prontas para investimento e aumento da perspicácia financeira, GSG e NABs, Latimpacto, GDPE, CEMEFI, AFE, GIFE e outras redes que reúnem filantropos de todo o mundo com uma compreensão clara das necessidades locais).
- **Inovação:** Muitas organizações filantrópicas apoiam novas formas de trabalhar e fornecem financiamento para incubar tecnologias inovadoras (por exemplo, Gates Global Health Investment Fund), bem como testam e incubam novas formas de trabalhar.
- **Agilidade e flexibilidade:** As organizações filantrópicas não costumam ser prejudicadas pela burocracia enfrentada pelos doadores bilaterais tradicionais e podem trabalhar com novos parceiros de maneiras que potencializem novas formas de expertise e capital locais, além de assumir mais riscos com novas startups.
- **Advocacy e influência:** As organizações filantrópicas e suas lideranças geralmente têm vozes influentes e podem fornecer liderança global significativa para angariar o apoio público a questões importantes.

6

A colaboração no contexto global

O envolvimento entre BPDs e organizações filantrópicas deve ter como objetivo aprimorar e acelerar o progresso do trabalho realizado no âmbito das estruturas multilaterais existentes — mais notavelmente o processo de Financiamento para Desenvolvimento da ONU — a fim de conectar novos projetos e programas colaborativos por meio da inovação.

Novas colaborações e veículos de financiamento podem ser vinculados ao trabalho realizado em processos de reforma de governo aberto e conhecimento aberto. Isso pode permitir que um amplo espectro de atores sociais aproveitem e se beneficiem de futuros investimentos feitos. Eles são capazes também de incorporar o aprendizado obtido com o aumento do investimento em ESG como força motriz por trás da reforma e do desenvolvimento do mercado financeiro. Novos veículos de financiamento resolvem a questão da “reta final” dos investimentos, que é de extrema importância principalmente quando se lida com veículos de impacto muito básicos que não têm escala para serem suficientemente atraentes para investidores privados, e às vezes nem mesmo para os BPDs. Um exemplo é o “Fondo Mayor”, na Colômbia,³² que vem fornecendo capital inicial e apoio técnico a empreendedores com mais de 60 anos de idade, dentro de sua estratégia de economia prateada. Outro exemplo é a Plataforma Parceiros pela Amazônia³³ liderada pela Idesam, entidade filantrópica brasileira, e o Green Catalytic Fund (ver Quadro 4).

Estruturar abordagens colaborativas para que os BPDs e as organizações filantrópicas se envolvam e ampliem seu potencial requer ações coordenadas e direcionadas de ambos os lados. Como veremos mais adiante, é fundamental para isso a criação de fóruns de colaboração que possam fornecer oportunidades para criar vínculos mais fortes e conscientização, levando a parcerias em transações concretas. Um diálogo aberto entre os diferentes atores é importante para que as soluções sejam construídas coletivamente e de forma transparente, utilizando aquilo com que cada um deve contribuir para otimizar o uso dos recursos e, principalmente, maximizar o alcance do impacto.

³² Plan Mayor - Fundación Saldarriaga Concha - Colômbia em <https://www.saldarriagaconcha.org/plan-mayor-4/>

³³ Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA) em <https://ppa.org.br/>

7

Recomendações sobre como os bancos públicos de desenvolvimento e as organizações filantrópicas podem colaborar

Trabalhar em parceria para alcançar um impacto global

Os BPDs podem reconhecer as organizações filantrópicas como parceiras iguais e valorizar seu papel como atores-chave na promoção de mudanças sociais, econômicas e ambientais transformadoras nas sociedades; na promoção de impacto no desenvolvimento sustentável; e no aumento da mobilização de capital privado direcionado aos ODS. Novas colaborações podem tirar proveito e fortalecer “sinergias entre o financiamento público e a filantropia privada a fim de alavancar investimentos, fornecer apoio estratégico em torno das prioridades dos ODS e liberar mais investimentos para o clima em países de baixa e média renda, mantendo totalmente o compromisso de reduzir a pobreza e a desigualdade”, de acordo com a declaração do presidente da Cúpula para um Novo Pacto Financeiro Global convocada por Macron em 2023.³⁴

Explorar a natureza da colaboração e valorizar a expertise relativa de cada ator

A cooperação e a colaboração entre organizações filantrópicas e BPDs têm sido bem-sucedidas quando baseadas na complementaridade de experiências e capacidades de ambas as partes. Além de declarações de boas intenções, a colaboração deve resultar em soluções inovadoras concretas para novos projetos e programas, incluindo investimento conjunto e desenvolvimento de novos veículos financeiros, bem como moldar políticas públicas para um ambiente propício.

³⁴ Cúpula para um Novo Pacto Financeiro Global, 22-23 de junho de 2023: Resumo do presidente das discussões na Cúpula para um Novo Pacto Financeiro Global, em <http://www.elysee.fr/admin/upload/default/0001/15/ae591f67adb68240e785486564ee0da587ff9b8e.pdf>

As organizações filantrópicas precisam de maior compreensão (e esforço para aprender) sobre as estruturas e metodologias de investimento implementadas pelos BPDs. Isso pode implicar o aumento da capacitação dos setores filantrópicos em torno de investimentos de impacto e financiamento misto (como novas ferramentas financeiras e inovações), para que possam estar mais bem equipados para interagir. Embora muitos atores filantrópicos estejam realizando um trabalho muito avançado nesse subcampo, a filantropia, como setor, reconhece que trazer mais fundações e organizações de apoio à filantropia a bordo desse compromisso pode aprofundar o trabalho conjunto com os BPDs.

Soluções testadas e comprovadas em formato piloto podem ser projetadas por organizações filantrópicas em conjunto com BPDs e outros parceiros do sistema financeiro e iniciativas privadas no contexto nacional. Dessa forma, a filantropia mantém seu caráter catalisador e assume os riscos que os investidores privados não estão dispostos a correr, mas convida o setor privado a pensar em soluções desde o início, facilitando o processo posterior de aporte de um volume mais expressivo de recursos para que as soluções ganhem escala sem precisar passar por um longo processo de convencimento.

Os BPDs precisam entender que as organizações filantrópicas desempenham vários papéis — sendo parte da sociedade civil e financiadoras desta. Além disso, elas detêm diferentes níveis de poder. Assim como os BPDs, as organizações filantrópicas podem ser uma fonte de informações privilegiadas para a formulação de políticas públicas, bem como uma defensora externa com independência significativa para mediar entre o mercado e o Estado. As organizações filantrópicas podem garantir que os projetos e programas nos quais se envolvem em conjunto com BPDs permitam o aprendizado mútuo a partir de erros e ajustes, assegurando que ambos os lados possam divulgar seus processos organizacionais para o outro e compartilhar informações em um relacionamento baseado na confiança.

Compartilhar o objetivo comum de mobilização de recursos privados

Para todos os atores envolvidos na urgência de cumprir o Acordo de Paris e atingir os ODS até 2030, a mobilização de recursos privados é de importância crítica. A expertise das organizações filantrópicas inclui a formulação de políticas e o fornecimento de orientação em áreas de investimento, quando apropriado. Os BPDs podem buscar que as colaborações sejam de longo prazo e estratégicas, em vez de ad hoc e pontuais, além de abertas a ajustes e ao envolvimento de novos parceiros. Ao colaborar de forma estreita, as organizações filantrópicas podem se envolver em todo o ciclo de vida de projetos e programas, ou seja, no desenho, implementação, monitoramento, ajustes, avaliação e disseminação do aprendizado.

Fundações e organizações filantrópicas precisam explorar mecanismos de financiamento misto de forma estratégica e em grande medida, exercendo seu poder de convocação para mobilizar capital público e privado em escala. Diversas experiências internacionais já comprovaram o enorme impacto que pode ser alcançado, seja em relação ao bem-estar e melhoria da qualidade de vida da população por meio do aumento da renda e acesso a serviços de qualidade, como também para o meio ambiente, com estratégias de conservação, restauração, redução do desmatamento, melhoria da qualidade da água e do habitat em geral.

Explorar iniciativas conjuntas direcionadas

Recursos mistos e iniciativas conjuntas entre organizações filantrópicas e BPDs podem proporcionar abordagens integradas e holísticas para ampliar investimentos voltados para as mudanças climáticas,

como no caso de soluções baseadas na natureza e alianças para uma transição energética justa (JTEP, da sigla em inglês), pois podem:

- promover o desenvolvimento do mercado, por exemplo, em novos setores e indústrias emergentes;
- desenvolver relações duradouras com instituições financeiras privadas e investidores locais e, assim, abordar os riscos e barreiras que enfrentam ao financiar setores carentes; e
- agregar muitos projetos de pequena escala adotando uma abordagem de portfólio ao avaliar o risco de crédito e, ao mesmo tempo, simplificar o processo de solicitação, o que minimiza os custos de transação e incentiva as instituições financeiras locais a participar.

Em particular, a abordagem de "*financiamento misto*" tem um enorme potencial, mas ainda é subutilizada e precisa ser mais desenvolvida. Existe a oportunidade de testar abordagens inovadoras e ampliar investimentos em setores/tecnologias mais arriscados, alcançando maiores taxas de mobilização. Seria necessário integrar impactos/KPIs em soluções financeiras para medir as externalidades da adaptação e mitigação das mudanças climáticas.

Incorporar processos de envolvimento

Idealmente, os BPDs precisam de capacidade interna para incorporar a filantropia de forma estratégica, capturar aprendizados sobre a interação com o setor e convencionalizar o envolvimento de organizações filantrópicas em todos os portfólios. Isso também pode ajudar a encontrar um ponto em comum e superar diferenças nas abordagens de medição de impacto, nas formas como os processos de tomada de decisão estão estruturados (aprovação e velocidade), nas prioridades estratégicas (ações de curto prazo vs. longo prazo necessárias para enfrentar os desafios atuais) e outras barreiras à colaboração. Os BPDs podem divulgar externamente o valor da colaboração e incorporar aprendizados no desenvolvimento estratégico organizacional e programático.

Usar processos de envolvimento da sociedade civil

Os BPDs podem trabalhar sobre estruturas existentes de envolvimento da sociedade civil e incluir alcance, divulgação de informações, diálogos e consultas. Eles tiram proveito de novas oportunidades para melhorar o diálogo com a sociedade civil e a colaboração intersetorial, trabalhando com organizações filantrópicas para construir pontes com todas as partes da sociedade por meio do poder de convocação da filantropia para atrair parceiros confiáveis.

Aprendizado sobre políticas e impacto em áreas de políticas complementares

As colaborações devem usar e incorporar lições aprendidas e melhores práticas de soluções de financiamento misto existentes e futuras. Os BPDs podem aproveitar insights sobre aprendizados em políticas a partir da diversidade da filantropia, que inclui filantropia corporativa de: bancos, bancos privados que oferecem consultoria filantrópica, bancos sociais e cooperativos, bancos que prestam serviços à sociedade civil (por exemplo, Triodos e Charities Aid Foundation [CAF] Bank) e investidores de impacto. Além disso, instituições públicas e governos devem trabalhar em conjunto com a filantropia, não apenas quando se trata de mobilização de recursos. A colaboração com organizações filantrópicas pode ser mais impactante se recursos financeiros e outros puderem ser mobilizados além das fronteiras em um ambiente propício, sem impedimentos indevidos e regulamentações prejudiciais ou consequências negativas não intencionais/implementação prejudicial de regulamentações bem-intencionadas.

Construir a partir da infraestrutura filantrópica existente

As organizações filantrópicas podem garantir que envolvimento estratégico com BPDs tirem proveito da diversidade do ecossistema filantrópico. Uma série de plataformas e centros foram criados para alinhar o trabalho entre setores e gerar novas ferramentas de financiamento. Muitos fóruns e redes existentes reúnem diversos atores filantrópicos (no campo filantrópico mais amplo, subseções e agrupamentos por causas) nos níveis nacional, regional e global que podem desempenhar um papel central na galvanização e no aprimoramento da colaboração com os BPDs.

Melhorar a voz do Sul Global

As organizações filantrópicas podem trabalhar em conjunto com os BPDs para fortalecer a representação e a voz de comunidades, regiões e partes interessadas da filantropia (bem como da sociedade civil) sub-representadas — em particular do Sul Global, bem como garantir que a diversidade da filantropia esteja envolvida e representada nos processos. Isso pode ser feito mediante a abertura de processos para envolver a filantropia e outras partes interessadas, bem como pelo desenvolvimento de novos fóruns e processos de tomada de decisão. Integrar o envolvimento de atores filantrópicos em processos e fóruns existentes estabelecidos pelos BPDs pode criar uma voz mais coordenada e unida para a filantropia em conversas com os BPDs, bem como no cenário global.

Aproveitar as ferramentas financeiras existentes e desenvolver novas

As organizações filantrópicas podem reunir e aproveitar o conhecimento existente sobre novas ferramentas financeiras dentro do espectro do capital e do impacto (incluindo filantropia de risco, investimento social e de impacto, financiamento misto para desenvolvimento) e buscar oportunidades para alinhar Investimentos Relacionados com Missões (MRI) a projetos e programas desenhados de forma colaborativa. Insights sobre o trabalho com os BPDs serão compartilhados nos níveis nacional, regional e global (fazendo uso da infraestrutura de filantropia existente) para permitir o desenvolvimento e a disseminação de melhores práticas, o alinhamento estratégico do trabalho realizado em diferentes partes do mundo e capacitar novos atores filantrópicos a ajustar suas próprias práticas e se envolver com os BPDs.

Manter uma comunicação contínua

O envolvimento de redes filantrópicas e BPDs em canais de comunicação estabelecidos e regulares facilitará o fluxo de informações e o compartilhamento de oportunidades. Os BPDs, estando cientes da existência de redes globais (como a WINGS) e de redes regionais e nacionais, podem facilitar a colaboração.

Um grupo de diálogo contínuo sob a égide da FICS pode manter a discussão viva reunindo organizações filantrópicas e bancos para falar sobre melhores práticas de colaboração. Os BPDs podem patrocinar e participar de eventos regionais e globais que são essenciais para os setores filantrópicos (por exemplo, a conferência regional da Latimpacto, a conferência anual da Africa Venture Philanthropy Network etc.)

8

Propostas de chamada à ação

Governos nacionais e formuladores de políticas devem:

- Garantir que condições propícias existam para que os BPDs combinem recursos com as organizações filantrópicas e para que as organizações filantrópicas possam alocar recursos e se envolver mais em soluções financeiras e novos veículos de financiamento — incluindo regulamentação, incentivos, assistência técnica etc.
- Apoiar plataformas de emparelhamento que possam canalizar as diversas oportunidades de financiamento misto para os BPDs, facilitando a busca por parceiros filantrópicos e do setor privado adequados, além de ter um fluxo de informações mais ágil.
- Promover universidades e think tanks para aumentar a pesquisa e o conhecimento sobre finanças inovadoras e o papel que os BPDs e a filantropia podem desempenhar para ampliar essas parcerias.

Os BPDs devem:

- Definir as necessidades internas de assistência técnica para fortalecer sua própria capacidade de gerar impacto e assumir seu lugar como importante instrumento de financiamento a fim de ajudar a executar os Planos Nacionais de Desenvolvimento.
- Por meio de seu incomparável conhecimento local, desenvolver um pipeline de projetos potenciais para iniciativas conjuntas com organizações filantrópicas.
- Reforçar componentes não financeiros para definir a “bancabilidade” e garantir a lucratividade desses projetos, de forma que o impacto seja sustentável e mais atraente para investidores privados que estão caminhando na direção de uma tese de investimento mais sustentável e responsável.
- Envolver-se com veículos existentes (como o Multilateral Development Bank Challenge Fund)³⁵ e aumentar o envolvimento com organizações filantrópicas para criar iniciativas novas e semelhantes.
- Criar canais mais claros para participar de iniciativas de financiamento misto: atores filantrópicos e do setor privado precisam de procedimentos e caminhos claros ao procurar instituições com as quais fazer parcerias.

³⁵ <https://www.rockefellerfoundation.org/news/global-philanthropies-create-new-multilateral-development-banks-challenge-fund-to-increase-investment-in-developing-countries/>

As organizações filantrópicas devem:

- Mudar de uma abordagem focada na assistência para uma que crie oportunidades (para gerar renda, criar impacto e ter acesso a educação).
- Ampliar o uso de subsídios voltados para um modelo de redução de riscos³⁶ ou de capital concessional e garantias para atrair outras formas de financiamento. Isso pode dar apoio também a abordagens de redução de risco de políticas.
- Valorizar o conceito de continuum de capital para entender modelos complementares entre diferentes fontes de capital. Ao fazer isso, as organizações filantrópicas e os BPDs podem estabelecer uma estrutura comum para entender os objetivos e o escopo de seus projetos conjuntos. Há um amplo espectro de capital filantrópico que pode ser usado e financiado de forma mista e ter um enorme potencial, sendo esta uma das muitas abordagens possíveis.
- Fazer o melhor uso da filantropia usando sua proposta diferenciada como elemento facilitador, construtor de pontes, provedor de capital catalisador, influenciador, multiplicador, organizador de encontros incomuns, e usando seu poder de demonstrar a validade de soluções inovadoras, de errar e aprender, apoiando a resiliência da sociedade civil e moldando processos domésticos. A filantropia tem expertise, flexibilidade, acesso a redes de poder, capacidade de ver o panorama geral e fornecer orientação e aconselhamento — tudo isso pode ser aproveitado também no envolvimento com os BPDs.
- Trabalhar com governos nos níveis nacional, regional e global para fortalecer a compreensão e melhorar o ambiente propício para a filantropia, o que sustenta a capacidade das organizações filantrópicas de entrar em colaborações bem-sucedidas com vários atores, incluindo BPDs (a WINGS, por exemplo, começará a desenvolver essa capacidade sob um acordo de parceria da estrutura da UE).³⁷
- Aumentar a conscientização da sociedade civil sobre novos financiamentos de desenvolvimento e reforçar a sua participação garantindo a segurança no crescimento e desenvolvimento de tais instrumentos financeiros.

QUADRO 1. Ampliar os esforços dos bancos públicos de desenvolvimento e organizações filantrópicas para apoiar soluções baseadas na natureza

O caso de negócios para ações de apoio a investimentos em soluções baseadas na natureza é simples. Estima-se que mais de 30% do PIB global dependa da natureza e de seus serviços. Na verdade, as últimas análises globais mostraram que o desenvolvimento de modelos de negócios sustentáveis na área de alimentação e uso do solo pode valer até USD 2,3 trilhões adicionais por ano e gerar mais de 70 milhões de novos empregos até 2030.³⁸

³⁶ Sobre como ver a filantropia como capital de risco e etapas de implementação, consulte: WINGS - The Philanthropy Transformation Initiative Report (2023), em <https://wings.issuelab.org/resource/the-philanthropy-transformation-initiative-report.html>

³⁷ A UE está financiando uma nova parceria de USD 5 milhões com a WINGS para apoiar iniciativas de advocacy nacionais em 32 países de baixa e média renda.

³⁸ Fórum Econômico Mundial (2020), *Nature Risk Rising: Why the Crisis Engulfing Nature Matters for Business and the Economy*; Lago, C., Caldés, N. e Lechón, Y. (Eds.). (2018). *The Role of Bioenergy in the Emerging Bioeconomy: Resources, Technologies, Sustainability and Policy*. Academic Press

Além disso, existe uma série de outros setores da bioeconomia além da agricultura (ou seja, pesca, aquicultura, silvicultura, energia renovável, entre outros) que também podem se beneficiar de modelos de negócios sustentáveis e modernos para o uso de recursos naturais renováveis.³⁹ E as avaliações globais sugerem que os serviços ecossistêmicos estão avaliados em USD 125–140 trilhões por ano.⁴⁰ Entretanto, apesar de seu alto valor econômico, esses serviços ecossistêmicos não são considerados nas contas nacionais dos países, desvalorizando o potencial econômico e a riqueza das nações. De fato, tanto a degradação da biodiversidade quanto a deterioração dos serviços ecossistêmicos subjacentes estão levando a perdas econômicas significativas para países, empresas e organizações financeiras que dependem do funcionamento adequado do capital natural, mas, devido à falta de contabilidade adequada, isso muitas vezes passa despercebido.

Várias falhas institucionais e de mercado, bem como outras barreiras, dificultam a capacidade da região de capturar os potenciais benefícios socioeconômicos e ambientais identificados para a bioeconomia na América Latina e Caribe (ALC). Isso inclui estruturas políticas e regulatórias incompletas, barreiras financeiras e econômicas, restrições técnicas, dificuldade em agregar pipelines de negócios e lacunas de conhecimento.

Para enfrentar essas barreiras e aumentar o investimento público e privado em soluções baseadas na natureza, é fundamental alavancar parcerias estratégicas com BPDs, organizações filantrópicas e organizações de apoio técnico para alcançar pequenas, médias e grandes bioempresas qualificadas e promover abordagens financeiras integradas e personalizadas que abordem barreiras técnicas e riscos específicos de investimentos baseados na natureza. Tal estratégia deve fornecer aos investidores privados as ferramentas e o conhecimento necessários para investir e financiar startups de biotecnologia e, ao mesmo tempo, abordar os riscos financeiros associados. Ao projetar veículos de investimento personalizados e dar apoio ao desenvolvimento de pipelines de projetos de capital natural, os investidores privados terão meios mais confiáveis para alocar fundos para projetos bioeconômicos. Os recursos mistos também devem buscar desenvolver métricas para monitorar, avaliar e relatar resultados de forma transparente, com o objetivo de integrar princípios bioeconômicos à tomada de decisões. Especificamente, isso atenderia às necessidades de: i) investidores que buscam oportunidades de fazer investimentos ambientais, sociais e de governança (ESG) e exigem métricas para medir os impactos desses investimentos, bem como sua exposição ao risco em empreendimentos de bioeconomia; e ii) reguladores financeiros que exigem a integração de capital natural aos investimentos.

³⁹ New Climate Economy (2018), “Unlocking the Inclusive Growth Story of The 21st Century: Accelerating Climate Action In Urgent Times” com base na *Business Case for Sustainable Development* (2012). Valuing the SDG Prize in Food and Agriculture – Unlocking Business Opportunities to Accelerate Sustainable and Inclusive Growth”.

⁴⁰ OCDE (2019), “Biodiversity: Finance and the Economic and Business Case for Action” – relatório preparado pela OCDE para a presidência francesa do G7 e a reunião dos ministros do meio ambiente do G7, 5–6 de maio de 2019 – com base em Kering (2017) e DNB (2019).

Componentes de uma estrutura integrada holística para investimentos baseados na natureza



Em 2022, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) publicou edital para incentivar o desenvolvimento de projetos e programas com estrutura financeira baseada no mecanismo de financiamento misto para apoiar, entre outros, a bioeconomia florestal. O objetivo é “testar e desenvolver novos modelos e instrumentos financeiros híbridos (Blended Finance), em caráter piloto, experimental e inovador, para projetos socioambientais. A ideia é unir os setores filantrópicos e o mundo empresarial”. Com um capital de cerca de USD 20 milhões de recursos não reembolsáveis do BNDES, a iniciativa convocou propostas com alavancagem global na estrutura híbrida de pelo menos quatro (4) vezes no que se refere ao apoio do BNDES, além da contribuição para o fortalecimento do ecossistema de negócios de impacto socioambiental. A iniciativa foi muito bem recebida pelo mercado e marca uma importante aproximação do banco com o setor filantrópico e desenvolvedores de projetos para diversificar soluções financeiras e promover a criação de novos instrumentos, selecionando 11 projetos que alavancam mais de US\$ 260 milhões.⁴¹

⁴¹ Financiamento misto do BNDES. Resultado Final do processo seletivo, 2023.
<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/desenvolvimento-sustentavel/parcerias/blended-finance>

QUADRO 2. Oportunidades para organizações filantrópicas e BPDs apoiarem parcerias para uma transição energética justa

As parcerias para uma transição energética justa (JETPs) representam uma nova abordagem ao financiamento de transições energéticas em economias emergentes.⁴² As JETPs foram posicionados como plataformas nacionais⁴³ que oferecem apoio financeiro para promover três objetivos principais: 1) facilitar a desativação antecipada de usinas elétricas a carvão; 2) mobilizar capital do setor privado para financiar esforços de descarbonização; e 3) permitir uma “transição justa” para os meios de subsistência afetados. Essa forma de envolvimento de vários doadores visa adotar uma abordagem de transição energética baseada nas necessidades e que abrange todo o sistema, apoiando os desafios econômicos e sociais da descarbonização com uma resposta política alinhada.

Os BPDs podem desempenhar um papel importante no apoio à mobilização de capital do setor privado para financiar esforços de descarbonização. Os BPDs podem desenvolver soluções de financiamento misto para conseguir mobilizar capital privado em escala. As organizações filantrópicas podem apoiar os BPDs na catalisação de investimentos privados visando acelerar a agenda de descarbonização, especialmente em mercados emergentes e economias em desenvolvimento.

Primeiro, as organizações filantrópicas podem ser importantes parceiras no desenvolvimento de um pipeline de projetos viáveis de transição energética, o que é um desafio para muitos bancos de desenvolvimento. As organizações filantrópicas, embora muitas vezes fragmentadas e de menor escala, podem ser canalizadas por meio de redes empresariais nacionais para aumentar a conscientização sobre inovações, apoiar fundos de desafio de inovação e trazer habilidades e redes para facilitar o desenvolvimento de projetos. Parcerias mais deliberadas com organizações filantrópicas e associações empresariais privadas podem ajudar a garantir que seu trabalho esteja alinhado aos objetivos nacionais de desenvolvimento para políticas justas de transição energética.

Em segundo lugar, as organizações filantrópicas podem contribuir com ferramentas flexíveis de gerenciamento de risco. Seus fundos podem ser usados de maneiras que tenham um forte impacto catalisador, como garantias, instalações de primeira perda e subsídios para compensar o custo de capital se o projeto alcançar ações de maior impacto em comunidades mais isoladas. Doadores tradicionais geralmente são muito avessos ao risco para implementar essas inovações diretamente via instituições financeiras locais.

Por fim, as organizações filantrópicas têm influência e acesso a redes que podem ser aproveitadas para promover os interesses dos países e advogar por políticas e financiamento internacional em projetos de transição energética, além de oferecer novas fontes de financiamento à medida que as transações financeiras amadurecem.

As organizações filantrópicas podem ser parceiras estratégicas dos BPDs, mas, dado seu menor tamanho e nível de responsabilidade pública, elas devem garantir a aplicação de princípios de financiamento misto para evitar distorcer os princípios de mercado, garantir a adicionalidade do desenvolvimento e alinhar os objetivos ao contexto local. Isso reduzirá os riscos à reputação e reforçará o papel catalisador e de agregação de valor que elas desempenham no cenário global de financiamento do desenvolvimento.

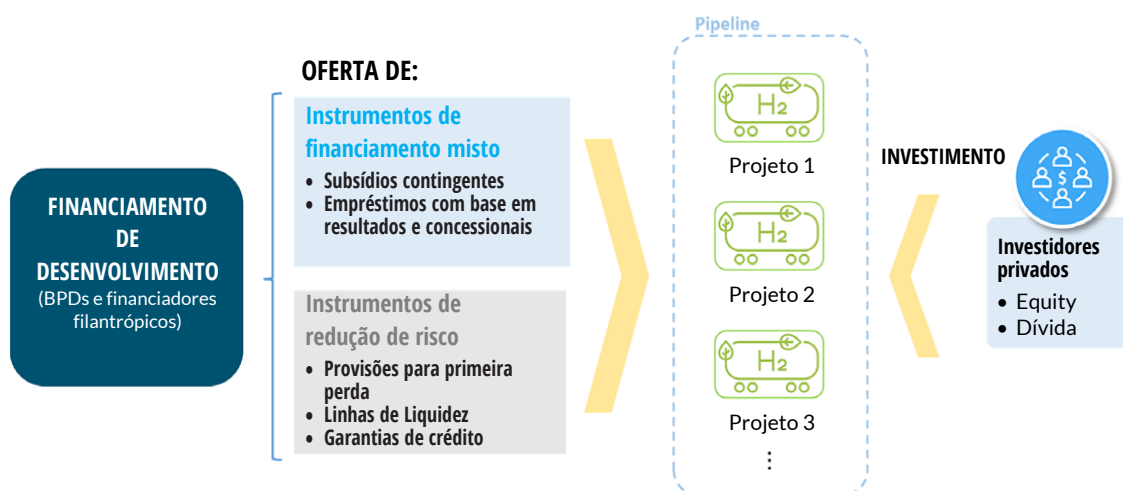
⁴² Parceria para uma Transição Energética Justa com a África do Sul (europa.eu)

⁴³ https://cdn.odi.org/media/documents/ODI_Emerging_analysis_Country_platforms_for_climate_action.pdf

A colaboração entre bancos públicos e organizações filantrópicas pode ser essencial para apoiar a mobilização de capital privado para a descarbonização das economias e o alcance da sustentabilidade ambiental. A descarbonização pode ser alcançada por meio de abordagens em três áreas específicas, que são: (i) a geração de novas fontes de energia limpa por meio de projetos de energia renovável e soluções de eficiência energética; (ii) a transformação de cadeias produtivas industriais descarbonizadas e o desenvolvimento de uma economia circular; e (iii) a promoção de novas formas de transporte que não usem combustíveis fósseis, como a eletromobilidade.

Os BPDs e as organizações filantrópicas podem, juntos ou em paralelo, desenvolver instrumentos financeiros que sirvam como catalisadores para impulsionar o investimento privado em projetos de descarbonização. O uso de instrumentos de financiamento misto, como subsídios, subsídios contingentes, empréstimos com base em resultados, empréstimos concessionais e equity, pode ajudar a melhorar o custo de capital e tornar financiáveis projetos com alto impacto ambiental e social. Além disso, a oferta de instrumentos de redução de risco pode ajudar a equilibrar os perfis de risco/retorno dos projetos, especialmente nos casos em que investidores privados percebem um alto grau de risco de investimento devido a incertezas derivadas de fatores políticos, macroeconômicos, comerciais e/ou técnicos. Esses instrumentos de mitigação de risco incluem: provisões para primeira perda, linhas de crédito contingentes, garantias e mecanismos estruturados para superar problemas específicos, como risco cambial e liquidez.

Por exemplo, no caso da geração de energia limpa, as intervenções dos BPDs devem migrar de projetos renováveis tradicionais que são comercialmente viáveis para incentivar o desenvolvimento de projetos em novos setores, como o hidrogênio verde. Os BPDs e as organizações filantrópicas podem oferecer instrumentos financeiros para amortecer os altos custos iniciais associados à aplicação de nova tecnologia na fase de produção e reduzir os riscos de investimento relacionados à incerteza de uma indústria em processo de desenvolvimento e sem histórico de desempenho. Graças a uma oferta de financiamento misto e instrumentos de redução de risco (veja o gráfico abaixo), o investimento privado em novas tecnologias pode decolar e ajudar na descarbonização das economias.



O Banco de Desenvolvimento da África Austral,⁴⁴ por exemplo, criou um fundo inovador de hidrogênio verde (Fundo SA-H2) com apoio dos Países Baixos e da Dinamarca. O Fundo pretende levantar USD 1 bilhão em financiamento de fontes nacionais e internacionais por meio de uma parceria de “financiamento misto” entre entidades públicas e privadas. O Plano de Investimento para uma Transição Energética Justa do país (2023–2027) assinalou o hidrogênio verde como um importante “setor industrial verde” a ser mais desenvolvido, e esse Fundo oferece um mecanismo útil para acelerar essas ambições. O desenvolvimento de um setor de hidrogênio verde e o papel dos principais participantes privados no cenário sul-africano têm sido alvo de críticas por parte da sociedade civil — portanto, o Fundo e seus contribuintes teriam que analisar os elementos de justiça social de como esse setor pode ser ainda mais desenvolvido.

QUADRO 3: Incentivos de Bem Público em empresas privadas

Atualmente, o Grupo de Fundaciones y Empresas (GDPE) da Argentina está trabalhando em 10 cidades argentinas, explorando a metodologia de Incentivos de Bem Público. Essa abordagem reconhece e recompensa empresas que alinham seus investimentos sociais com as prioridades locais e se envolvem significativamente na superação de desafios mais amplos na região da América Latina e Caribe (ALC). Esses incentivos podem incluir melhores taxas de crédito, descontos fiscais, reconhecimento de reputação e prioridade em compras públicas, entre outros benefícios.

Os Incentivos de Bem Público também podem reconhecer e recompensar empresas ou fundações que contribuem com recursos filantrópicos para criar instrumentos de financiamento misto visando áreas como pobreza, desigualdade, assistência médica, moradia, saneamento e outras questões urgentes. Além disso, instituições comprometidas em fortalecer as organizações da sociedade civil (OSCs) podem receber apoio por meio desses incentivos. Estabelecer novos modelos de governança nas cidades para incentivar a participação de múltiplas partes interessadas será uma inovação crucial para evitar disparidades na base.

O GDPE acredita que a soma de abordagens individualistas, incluindo responsabilidade social corporativa (RSC) e investimento social privado, é insuficiente para resolver problemas estruturais. Em vez disso, pretendemos alinhar todos os esforços e compromissos individuais com as principais prioridades identificadas pela comunidade, incluindo OSCs, empresas e o governo. Este pode ser um exemplo de como trabalhar colaborativamente com os BPDs para uma visão mais ampla e transformadora.

Para atingir os ODS e reduzir a lacuna de financiamento até 2030, não é possível depender apenas de orçamentos públicos e recursos filantrópicos. Os BPDs e as organizações filantrópicas podem, juntos, transformar negócios tradicionais em modelos de impacto capazes de gerar desenvolvimento.

⁴⁴ <https://www.dbsa.org/press-releases/unveiling-sa-h2-fund-south-africas-dedicated-green-hydrogen-fund>

QUADRO 4: BID Lab e Latimpecto lançam o “Green Catalytic Innovation Fund”

Como um novo instrumento de impacto coletivo, as principais organizações filantrópicas da América Latina e do mundo estão trabalhando em conjunto com o InterAmerican Development Bank (IDB) Lab para criar um fundo comum que apoiará soluções de descarbonização, combinando tecnologia e abordagens naturais. O Green Catalytic Fund⁴⁵ será uma iniciativa de fundo de filantropia de risco com limite mínimo de USD 5 milhões, coliderada pela Latimpecto e pelo BID Lab em conjunto com potenciais parceiros envolvendo filantropia corporativa e grandes fundações que trabalham na região.

O fundo visa reduzir ou evitar 6,2 milhões de toneladas de dióxido de carbono equivalente que são capturadas pelos diferentes projetos apoiados. Pelo menos 40% dos até 500 empreendedores e startups que trabalharão com o fundo serão liderados por mulheres ou terão mulheres em cargos de liderança. E cerca de 2,5 milhões de hectares de terras ou florestas serão colocados sob uma gestão melhorada e eficaz que contribua para a redução das emissões de CO₂.

A filantropia de risco assume riscos que investidores tradicionais ou de impacto podem não estar dispostos a correr. Isso inclui o financiamento de projetos e programas piloto para testar novas ideias e abordagens inovadoras. Ao fazer isso, provas de conceito bem-sucedidas podem ser geradas, atraindo investimentos mais substanciais de BPDs, entre outros investidores.

O tópico geral do Fundo será a descarbonização e projetos de emissão líquida zero por meio de soluções impactantes que apoiem a identificação, a formulação de estratégias e a implementação da transformação verde de micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) em cadeias de valor corporativas, ao mesmo tempo que apoiam iniciativas de emissão líquida zero que promovam o desenvolvimento econômico por meio de atividades de mitigação, especialmente na bacia amazônica.⁴⁶ O Fundo terá uma intervenção geográfica regional abrangendo a América Latina e o Caribe (ALC), ao mesmo tempo que alocará fundos importantes para a bacia amazônica, com foco principalmente em biologia e soluções baseadas no solo para descarbonização.

Ao identificar e desenvolver oportunidades nos mercados, o Fundo reunirá investimentos de impacto, capitalistas de risco (VCs) e empresas de private equity no futuro, sempre sob um modelo de geração de impacto. Combinados a Instrumentos de Recuperação Contingente, como investimentos em dívida ou equity, os parceiros dentro dos BPDs que fornecem capital flexível e paciente podem gerar retornos financeiros. Esses instrumentos podem assumir várias formas, dependendo da natureza do projeto, do perfil de risco do doador e do acordo entre as partes envolvidas.

Neste caso, a Latimpecto é o ator que ajuda a articular, harmonizar e alinhar os interesses do BPD (BID Lab) e dos atores filantrópicos participantes do Fundo.

⁴⁵ Coalizão para os Direitos Humanos no Desenvolvimento, <https://ewsdata.rightsindevelopment.org/projects/rg-g1050-green-catalytic-innovation-fund-digital-circular/>

⁴⁶ Carbon Trust, “What are Scope 3 emissions?” em <https://www.carbontrust.com/our-work-and-impact/guides-reports-and-tools/briefing-what-are-scope-3-emissions>

Para que o processo e a vida do Fundo sejam integrados, a eficiência da comunicação é aumentada e pontos em comum referentes a expectativas e metodologias são identificados e se tornam a "luz guia" do Fundo.

Por fim, a Latimpacto atua também como a organização que cuida da criação de conhecimento e da visibilidade do Fundo para partes externas, enfatizando a estrutura do Fundo, o impacto que ele pode criar e suas qualidades colaborativas. Com esse modelo intermediário, o Fundo se torna o centro da parceria e resolve potenciais desequilíbrios, promovendo verdadeira propriedade e compreensão de ambos os lados.

QUADRO 5: Uma plataforma para hospedar veículos rentáveis para impacto

Vários atores estão cada vez mais interessados nas agendas de investimentos sustentáveis/responsáveis. De fato, as previsões tanto de investimentos de impacto quanto de investimentos ambientais, sociais e de governança (ESG) continuam avançando, apesar das condições macroeconômicas amenas dos mercados. A Global Impact Investing Network (GIIN) declara em seu último relatório: "Ao longo dos próximos cinco anos, um terço dos investidores planeja aumentar as alocações para a África Subsaariana, e um quarto deles planeja aumentar as alocações para a América Latina e o Caribe, refletindo o claro interesse dos investidores nessas regiões de mercados emergentes." No entanto, fechar a lacuna entre a demanda e a oferta desse capital nessas regiões é um tópico desafiador. As expectativas costumam variar, abrindo espaço para que novos veículos financeiros preencham essas lacunas, particularmente na "reta final" do investimento e nos estágios iniciais. Reunir diferentes atores sob veículos comuns ainda é um grande desafio. Para novos investidores internacionais, encontrar informações e atores confiáveis é um desafio.

Na América Latina, a Innpactia criou uma plataforma de investimentos que facilita a implantação desses veículos. Ela fornece apoio a vários atores que estão criando veículos capazes de melhorar as condições de investimento em termos de tamanho do ticket, risco e lucratividade, ao mesmo tempo que investem em empresas menores e mais iniciantes. Isso ajuda novos investidores a terem um conjunto mais amplo de opções de investimento, compatíveis com sua tese de investimento. A visão de médio prazo da Innpactia é facilitar o surgimento de um mercado de veículos que vão desde soluções baseadas na natureza até portfólios de empresas sociais e títulos de impacto social. "Os investidores que estão se expandindo para nossa região vão achar fácil a tarefa de encontrar os veículos certos para investir, por meio de uma interface fácil que os conecta aos atores mais confiáveis da região", diz Jorge Reyes, Diretor de Produtos. Nos últimos 2 anos, a Innpactia facilitou o acesso a capital de investimento para 148 empreendimentos de impacto liderados por mulheres, 30 deles em áreas rurais, por meio desses veículos.



A plataforma fez parcerias com entidades que priorizam o lucro e o impacto, incluindo o National Advisory Board (NAB) do Global Steering Group for Impact Investment (GSG) na Colômbia, o Radical Flexibility Fund e a Cube Ventures. No segundo semestre de 2023, em conjunto com esta última e a Athena Impacto, um fundo de dívida de financiamento misto será lançado para fornecer acesso inicial ao capital para empresas de impacto tecnológico lideradas por mulheres na América Latina e Caribe (ALC). Simultaneamente, um fundo liderado pelo NAB do GSG para promover o crescimento do investimento de impacto na Colômbia começará a identificar potenciais investidores e doadores para iniciar a implantação no início de 2024.

A chave em torno do modelo tem sido dar apoio ao design dos veículos com dados — para estruturar oportunidades orientadas pela demanda — e, posteriormente, facilitar os esforços de captação de recursos entregando as oportunidades aos investidores que desejam recebê-las por meio da plataforma. Com o passar do tempo, uma oferta maior de veículos proporcionará um conjunto mais maduro de oportunidades para aquele quarto de novos investidores de impacto interessados em aplicar capital nessa região.

9

Observações finais

O potencial geral da cooperação aprimorada entre BPDs e organizações filantrópicas é limitado pela falta de uma estrutura formal para criar tal colaboração estratégica.

Usando a FICS como plataforma, processos regulares de compartilhamento de informações, seja por meio de novos processos formais ou usando veículos e plataformas existentes, podem ser usados para desenvolver e implementar novos programas. Eles podem ser usados também para expandir o leque de atores envolvidos. Um resultado concreto do Finance in Common Summit 2023 em Cartagena pode ser um grupo de diálogo contínuo para estimular a discussão, sob a égide da FICS, reunindo organizações filantrópicas e BPDs a fim de explorar a colaboração, compartilhar melhores práticas e lições aprendidas e discutir ações concretas, como:

- Realizar mais pesquisas conjuntas a fim de identificar obstáculos e propor soluções para expandir a colaboração entre BPDs e organizações filantrópicas.
- Explorar meios para resolver o desafio da “reta final” de investimentos, abordando as diferenças entre as doações focadas em ESG disponíveis e o investimento geral necessário usando soluções inovadoras.
- Solicitar a criação de um Laboratório de Investimento Conjunto de BPDs e Organizações Filantrópicas sediado na FICS para abordar as barreiras ao investimento do setor privado em mercados emergentes e em desenvolvimento e, paralelamente, usar aceleradores existentes com histórico comprovado, como o [Global Innovation Lab for Climate Finance](#), para fazer crowdsourcing e desenvolver soluções financeiras personalizadas.



cebri.org



climaesociedade.org



bndes.gov.br



wingsweb.org